

Análise dos ditongos e dos hiatos nasais do português antigo

Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto¹
 Gladis Massini-Cagliari²

Resumo: O objetivo desta pesquisa é investigar as sequências de vogais nasais do português da etapa medieval, analisando quais dessas sequências eram hiatos e quais eram ditongos, além de verificar o porquê de muitos ditongos do português brasileiro atual se configurarem como hiatos no período histórico em questão. Este estudo adotou como *corpus* um recorte composto por 250 cantigas galego-portuguesas e visa, portanto, determinar quais sequências de vogais nasais eram hiatos/ditongos por meio da análise da métrica e da rima dos poemas medievais. A estrutura das sílabas das palavras daquela época também será objeto de estudo, visando estabelecer a natureza da nasalização das vogais da língua trovadoresca, a partir de uma análise embasada na fonologia não-linear. Os dados coletados nas composições mostram que as sequências de vogais nasais do português arcaico se configuravam como hiatos. Portanto, naquela época, não havia ditongos nasais, pois as vogais nasais eram constituídas por uma vogal somada a um segmento consonantal nasal. Assim, as vogais nasais da língua arcaica não podiam ser interpretadas como intrinsecamente nasais, já que eram o resultado do espriamento do traço nasal de uma consoante não especificada, posicionada na coda da sílaba.

Palavras-chave: Português arcaico; Cantigas medievais galego-portuguesas; Vogais nasais; Ditongos; Hiatos.

Introdução e objetivo

O português arcaico³ (doravante PA) apresentava um comportamento distinto em relação à silabação de sequências de vogais se comparado ao português brasileiro atual (PB). Isso posto, muitas palavras que hoje apresentam ditongos tinham, na época arcaica, hiatos

¹ Pós-Doutoranda (bolsista FAPESP, número do processo: 2022/09590-4). Mestre e Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP. Graduada em Letras (bacharelado e licenciatura) pela mesma instituição. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3788-7429>. E-mail: debora.barreto@unesp.br

² Professora na Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, Câmpus de Araraquara. Professora Titular pela Unesp. Livre Docente em Fonologia pela Unesp. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestra em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4050-7645>. E-mail: gladis.massini-cagliari@unesp.br

³ Apesar de Faraco (2016), Venâncio (2019), Lagares (2021) e Galindo (2022) questionarem o uso do termo “português (arcaico)” para denominar o ancestral medieval do português, afirmando que o mais correto seria adotar “galego”, já que a língua nasce na Galiza, a discussão da adequação do rótulo dado à língua/às línguas ibéricas da época foge ao escopo deste artigo. Por outro lado, optamos pelo rótulo “português arcaico” em homenagem à grande dama da Linguística Histórica Brasileira, Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989).

(Teyssier, 1994), como *mão*, que, atualmente, tem um ditongo nasal que, em PA, configurava-se como hiato (*mã-o*).

Neste estudo, serão analisadas as sequências de vogais nasais da língua dos trovadores, visando verificar quais dessas sequências eram hiatos e quais eram ditongos. Para além dessa análise, este estudo busca, também, esclarecer por que muitos ditongos nasais atuais eram, naquele período, hiatos.⁴ Embora Teyssier (1994) e outros estudiosos tenham se dedicado a essa questão, o diferencial deste artigo em relação às pesquisas empreendidas anteriormente consiste em analisar a nasalização a partir de uma abordagem não-linear, que considera a estrutura da sílaba como composta por constituintes hierarquizados.

Parkinson (1993, p. 55), ao analisar a métrica e a rima das cantigas medievais, demonstra que os cancioneiros daquela época da história não traziam evidências favoráveis à convergência de *-ão*, *-ã*, *-õ* e *-õe* (hiatos) para *-ão* (ditongo). Em seus estudos, o autor expõe que, na época em que foram escritas as cantigas, ainda não havia ditongos nasais, e sim hiatos. Então, havia formas variantes, como *bõa/boa*, que correspondiam a hiatos na etapa medieval. Massini-Cagliari (2015), a esse respeito, afirma que os ditongos nasais eram inexistentes na língua medieval pela falta de espaço de ancoragem para dois segmentos vocálicos em contexto de núcleo, pois a nasal estava na coda, de onde se espraia.

Como se vê, Massini-Cagliari (2015) assume, para o PA, que a segunda vogal dos grupos vocálicos (V + V) estaria posicionada na coda na estrutura silábica do português medieval, pois, conforme a autora, o núcleo do PA apresentava apenas um contexto de ancoragem. Em trabalhos anteriores, como Granucci (2001) e Biagioni (2002), constatou-se que as vogais nasais da época dos trovadores não podem ser consideradas como intrinsecamente nasais, mas como sendo fruto do espraio do traço nasal de uma consoante não especificada, posicionada na coda silábica ($\tilde{V} = VN$). Dessa forma, ao considerarmos que a vogal nasal do PA é uma sequência de vogal + consoante nasal, temos que sílabas com vogal nasal são travadas por consoante.

Tal fato inviabiliza, portanto, a formação de ditongos nasais no português arcaico, já que se entende que entre as duas vogais (\tilde{VV}) existe uma consoante nasal. Este artigo visa

⁴ Cabe ressaltar que este artigo busca a realização de uma análise de natureza sincrônica, que se volta ao estudo do comportamento fonológico das sequências de vogais da fase arcaica do português. Assim, embora compreenda um estudo histórico, nosso objetivo não consiste na realização de um estudo de viés diacrônico, mas na caracterização sincrônica de uma fase do passado (Mattos e Silva, 1989).

confirmar, por meio da análise de 250 cantigas medievais (100 *Cantigas de Santa Maria*, CSM, da vertente religiosa; e 150 composições profanas, 50 de cada um dos gêneros canônicos), o predomínio de hiatos (e não de ditongos) naquele estágio da língua e a existência de um elemento consonântico nasal após a vogal representada na escrita com a marca de til. As reflexões aqui pretendidas serão realizadas a partir da fonologia não-linear.

Os cantares da Idade Média

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram selecionadas 250 cantigas medievais: 100 CSM e 150 poemas profanos. Os critérios adotados para a seleção das cantigas da vertente profana se fundamentam em Massini-Cagliari (2015) e são: representatividade (selecioneando obras de autores de épocas diversas), local e classe social.

Em linhas gerais, a documentação poética do estágio arcaico que sobreviveu até os dias atuais é formada por cantigas religiosas e profanas. Os poemas religiosos, também conhecidos como marianos, totalizam 427 CSM (420 poesias e 7 obras que se repetem). Esses cantares foram feitos na segunda metade do século XIII e têm sua autoria atribuída ao rei de Leão e Castela, D. Afonso X (Massini-Cagliari, 2015). As cantigas selecionadas para a realização desta pesquisa se situam cronologicamente entre os séculos XII e XVI. Adiante, na seção dedicada à metodologia, explicaremos de onde eram coletados tais dados.

As CSM foram criadas para serem cantadas, a fim de entreter um público seletivo da época em que foram elaboradas. Assim, devido à finalidade musical dessas obras, a coletânea religiosa apresenta uma grande variedade de fórmulas métricas. Segundo Castro (2006), há um uso muito frequente do *enjambement* nas CSM, fato que forneceu a tais obras uma maior fluência e ajudou no entendimento dos relatos apresentados, já que, a princípio, o texto dessas poesias não é muito claro em razão das recorrentes inversões sintáticas. Essas inversões, conforme Mongelli (2009), são características de uma coletânea feita para ser cantada. Mettmann (1986) expõe que há mais de 280 combinações métricas diferentes nas 420 CSM, das quais 170 só aparecem uma vez. De acordo com o autor, cerca de 380 obras têm a forma estrófica *virelai/zejel* (AA/bbba).

O conjunto de obras da vertente profana, por seu turno, é mais extenso, englobando mais de 1.679 cantares pertencentes a três gêneros canônicos: *amor*, *amigo* e *escárnio e maldizer*. As cantigas em questão apresentam extensões diferentes. De modo geral, as *cantigas de amigo* são, segundo nossa análise, menores do que os outros dois gêneros; as poesias *de escárnio e maldizer* compreendem o gênero cujas composições apresentam a maior extensão. Assim, as *cantigas de amor* consistem no gênero intermediário em relação à extensão: são maiores do que as *de amigo* e menores do que as *de escárnio e maldizer*.

Lanciani (1993a) defende que as *cantigas de amor*, textos em que o trovador se dirige a uma mulher abstrata, podem conter três ou quatro estrofes e seus versos podem ser decassílabos, octossílabos ou heptassílabos. Já as obras *de amigo*, segundo Lanciani (1993b), diferenciam-se das *de amor* por conterem um movimento rítmico aparentemente mais simples, refrãos e adoção recorrente de paralelismo. Logo, os poemas *de amigo* são mais populares e nacionais do que os *de amor*, além de apresentarem uma maior variedade de assuntos e de abordagens, e aparecerem sob a voz de uma mulher (Massini-Cagliari, 2007).

O último dos três gêneros profanos da lírica medieval galego-portuguesa são as *cantigas de escárnio e maldizer*, que consistem em sátiras morais, políticas e literárias, tenções, paródias, prantos e maledicências pessoais (Massini-Cagliari, 2015). Mongelli (2009) explica que a razão de ser de tais cantigas é a ambiguidade e o contraste. Ambas, *de escárnio* e *de maldizer*, visavam falar mal de alguém da sociedade, entretanto, nas primeiras isso era feito de forma velada e, nas segundas, de maneira direta, sem disfarces. Massini-Cagliari (2015) discute que, de acordo com a *Arte de Trovar*, essas poesias podiam ser *de mestria* ou *de refrão*. Segundo a estudiosa, as que eram realizadas no formato *de mestria* se assemelhavam muito mais, na métrica, às *de amor* do que às *de amigo*.

Com relação às fontes das cantigas medievais galego-portuguesas, as CSM se localizam, conforme Mongelli (2009) e Massini-Cagliari (2015), em quatro manuscritos. Parkinson (1998) postula que tais cancioneiros representam um processo de ampliação e evolução, pois, de início, o número de cantares elaborados foi o de 100, pertencentes ao códice Toledo (To), o mais antigo dos códices. O códice Rico (T) foi o segundo a ser produzido, tendo em vista o desejo do rei de ampliar o códice inicial. Mais tarde, uma cópia menos decorada do T foi realizada. Surge, assim, o códice Escorial Músicos (E), o mais completo dos quatro cancioneiros. Por último, há o códice Florença (F), bastante incompleto e com uma ordem imprecisa.

Já as cantigas profanas estão distribuídas em três grandes cancioneiros e em cinco folhas avulsas com uma ou mais composições. Segundo Massini-Cagliari (2007):

O Cancioneiro da Ajuda (CA ou A) é o códice mais contemporâneo aos trovadores (final do século XIII e início do XIV) e o único de origem ibérica. Apresenta só textos *de amor* e não tem a notação musical de nenhum dos cantares.

- O Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (CBN ou B) é o testemunho único para cerca de 250 cantares, sendo o mais completo dos três grandes códices profanos. Abriga, em média, 1.560 obras, dos três gêneros, de autoria de mais de 150 trovadores.
- O Cancioneiro da Vaticana (CV ou V) é tido como o irmão do CBN em virtude de ambos apresentarem um número significativo de cantares em comum. O CBN e o CV são vistos como cópias feitas na Itália na segunda metade do século XVI. O CV tem 1.200 cantigas e conta com uma grande lacuna, que o priva de 390 poemas (presentes no CBN).

Metodologia de análise

A metodologia de análise adotada neste artigo se fundamenta na análise da rima presente nas poesias medievais galego-portuguesas, visando determinar, por meio da metrificação desses cantares, quais sequências vocálicas nasais eram ditongos e quais compreendiam hiatos na etapa arcaica da língua. Ademais, pretendemos compreender, por meio desta investigação, por que as sequências de vogais nasais, em sua maioria, configuravam-se como hiatos no PA.

Em um primeiro momento, foi feita a coleta de todas as palavras representadas na escrita com sequências de vogais com til nos 250 textos que constituem nosso *corpus* para, em seguida, mapearmos quais dessas palavras escritas com encontros vocálicos nasais estão em contexto de rima nas composições poéticas em questão.

Neste primeiro momento da análise, fizemos uso de edições atualizadas⁵ das obras a fim de viabilizar a compreensão de todas as palavras e a organização dos dados. Após feita a seleção das ocorrências, partimos para o segundo momento da coleta de dados: a conferência dos versos nas edições fac-similadas das poesias, que compreendem fotografias dos pergaminhos nos quais estão os textos originais. Para o desenvolvimento deste trabalho, foram empregadas as seguintes edições fac-similadas: Anglés (1964), Afonso X o Sabio (2003), Cancioneiro Português da Biblioteca da Vaticana (1973), Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti) (1982) e Cancioneiro da Ajuda (1994).

O uso do fac-símile, ou seja, da fonte primária é de suma importância para a investigação que envolve a estrutura da sílaba, pois, segundo Massini-Cagliari (2015), pode ocorrer de traços relevantes da versão original desaparecerem de uma edição mais atualizada, depois da aplicação das normas ortográficas utilizadas na edição crítica. Entendemos que o emprego dos fac-símiles é a melhor alternativa para o trabalho que ora realizamos. Desse modo, partimos da opinião que considera a edição fac-similada como soberana, pois sua finalidade não é a de interpretar a obra, mas de apresentá-la sem quaisquer alterações.

Após a coleta e a conferência dos dados, os versos contendo os termos focalizados foram analisados qualitativamente. Este estudo somente foi possível devido ao fato de as composições poéticas do medievo apresentarem informações acerca dos aspectos segmentais do cantar, como

⁵ Para as CSM, usamos Mettmann (1986) e, para as obras profanas, adotamos Lopes e Ferreira et al. (2011-).

lugar dos acentos no interior dos versos e quantidade de sílabas poéticas, informações essas que não constam nos textos redigidos em prosa. As rimas também foram de grande importância para esta pesquisa, como mostraremos mais adiante.

Levantamento e análise dos dados coletados

Coletou-se, nas 250 cantigas medievais galego-portuguesas que compõem nosso *corpus* poético, todos os versos cujas rimas foram elaboradas por meio de palavras grafadas com vogais com til.⁶ Em razão da quantidade expressiva de dados coletados nas cantigas, foram retirados os termos que se que repetiam, visto que apresentavam a mesma configuração nos diferentes textos poéticos. Nos quadros 1 e 2 (no Apêndice), apresentamos os dados encontrados nas cantigas religiosas e profanas da lírica trovadoresca. Convém pontuar que alguns desses termos já foram analisados no trabalho de Massini-Cagliari (2015). Logo, esta pesquisa, ao investigar outras palavras, além das já analisadas pela autora, reúne mais dados acerca da configuração das sequências de vogais nasais do português do período medieval.

Convém ressaltar que a metrificação foi feita com base nas cantigas inteiras e não apenas com base nos versos transcritos nos quadros 1 e 2. Logo, os versos das cantigas foram expressos nos quadros visando retratar os ambientes de ocorrência das rimas, haja vista a inviabilidade de apresentar, neste artigo, a metrificação de todos os 250 cantares do *corpus*.

Os quadros 1 e 2, ao retratarem que todas as sequências de vogais nasais eram hiatos no conjunto de cantigas analisadas neste artigo, reforçam os dizeres de Parkinson (1993) e Massini-Cagliari (2015) acerca da inexistência de ditongos nasais na fase medieval. Essa ausência, assim sendo, ocorre em razão de questões relativas à nasalização (especificamente a representada pelo sinal de til sobre a vogal) das palavras do português dos trovadores.

⁶ Convém dizer que outro estudo envolvendo as nasais *n* e *m* também foi elaborado pelas autoras e se encontra em processo de publicação. Veja-se Barreto e Massini-Cagliari (no prelo). Ademais, é relevante ressaltar que as ocorrências em que a marca de til alterna com *n* são consideradas por nós como variantes. Essa variação era bastante recorrente na etapa arcaica, como podemos verificar por meio dos quadros localizados no Apêndice.

O til, nas composições medievais galego-portuguesas, tinha distintas funções⁷, sendo a principal delas marcar uma abreviatura. Segundo Massini-Cagliari (2015, p. 146), muitas vezes, essa abreviatura não tinha relação com marcas de nasalização, como demonstrado pela figura 1 e pela figura 2, em que a palavra *prazer*, dentro de um mesmo verso da mesma *cantiga de amor*, em cancioneiros diferentes, foi abreviada de duas maneiras.

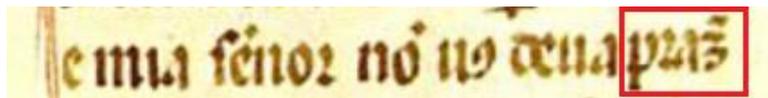


Fig 1. Abreviatura de *prazer* (*cantiga de amor*, de Vasco Praga de Sandim, *Que sem conselho que vós*).⁸Fonte: Edição fac-similada do códice da Biblioteca da Ajuda (1994, p. 10).

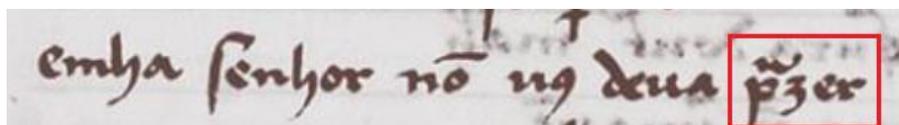


Fig 2. Abreviatura de *prazer* (*cantiga de amor*, de Vasco Praga de Sandim, *Que sem conselho que vós*). Fonte: Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 100).

Massini-Cagliari (2015, p. 146) pondera que é possível assumir duas hipóteses a respeito desse tópico: a primeira, mais radical, admite que todas as ocorrências da marca de til, na escrita dos cancioneiros daquela época da língua, marcam uma abreviação⁹; já a segunda, menos radical e a qual nos filiamos, entende que nem todos os casos de til são abreviações. Assim, segundo a hipótese menos radical, a alocação do til sobre vogais representa uma nasalização. As figuras 1 e 2 também revelam exemplos do exposto: em *sēnor* (para *sennor/senhor*) e *nō* (para *non*), o til sobre as vogais simboliza a supressão da consoante nasal *n* que, ao desaparecer, transferiu o seu traço nasal para a vogal antecedente.

Como se vê, a marca de til presente em *prazer* assume uma configuração completamente distinta quando comparamos as formas *praž/pžer*, *sēnor* e *nō*. Na palavra *praž/pžer*, mais de um grafema foi suprimido e o til se encontra sobre uma consoante. Ademais, esse vocábulo não

⁷ Para mais informações sobre as funções do til nas cantigas arcaicas, consultar Massini-Cagliari (1998).

⁸ *E mia senhor, nom vos dev'aprazer* (Lopes e Ferreira et al., 2011-).

⁹ O ato de abreviar palavras também pode ser compreendido como uma atitude que possibilita a economia de papel e de tinta, itens bastante caros naquela época da história (Massini-Cagliari, 2007).

tem nenhuma sílaba composta por elementos nasais. Já em *señor* e em *nõ*, somente um elemento foi suprimido, a consoante nasal *n*, e em ambos os termos o til foi inserido sobre a vogal anterior à consoante nasal que outrora figurava na palavra.

É claro que não podemos considerar que os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são um preceito seguido por todas as composições da época arcaica. Como ainda não existia uma norma ortográfica instituída por lei, a variação na grafia dominava a documentação escrita no medievo, o que fazia com que uma mesma palavra pudesse ser representada de diferentes maneiras dentro de um mesmo cantar (Mattos e Silva, 2006). Todavia, a presença de um til sobre uma vogal (em geral, a vogal precedente) acontecia sempre que uma consoante *n* havia sido suprimida¹⁰, mesmo quando a supressão havia ocorrido na passagem do latim para as línguas românicas.¹¹

Muitas vezes, uma mesma palavra apresentava mais de um til, cada um com uma função, como retratado na figura 3, em que o verbo *preguntar* está escrito da seguinte forma:

¹⁰ Cabe dizer que a consoante nasal nem sempre era suprimida graficamente. Nesses casos, o til não era inserido na palavra.

¹¹ Um artigo a esse respeito foi feito pelas pesquisadoras (Barreto, Massini-Cagliari e Fonte) e está no prelo.

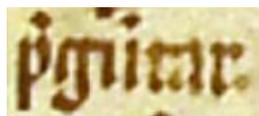


Fig 3. Abreviatura de *preguntar* (*cantiga de amor*, de João Soares Somesso, *Já foi sazom que eu cuidei*). Fonte: Edição fac-similada do códice da Biblioteca da Ajuda (1994, p. 28).

Assim, como mostra a figura 3, o primeiro til foi utilizado para abreviar a primeira sílaba da palavra (*pre* = *p̃*). Na referida unidade silábica, o til se encontra sobre a consoante *p* e não há segmentos nasais suprimidos, apenas uma sequência de grafemas orais. Já na segunda sílaba do termo, o til foi colocado sobre a vogal *ũ* em decorrência da supressão do segmento nasal *-n*, que anteriormente figurava em contexto de coda (*gun* = *gũ*).

A respeito da configuração silábica do português trovadoresco, Zucarelli (2002) defende que o núcleo silábico daquela época apresentava uma única posição de ancoragem, não podendo ser ramificado. Então, quando um vocábulo é constituído por uma sequência de duas vogais, há duas possibilidades:

1. Ditongo: a vogal preenche o núcleo e a semivogal ocupa a coda silábica.
2. Hiato: ambas as vogais ocupam o núcleo, mas de sílabas diferentes.

Sendo assim, como os dados expressos nos quadros 1 e 2 se configuram como hiatos no PA, temos que cada uma das vogais em sequência, sendo a primeira representada na escrita com a marca de til, ocupam o núcleo de uma sílaba distinta. As vogais com til, no entanto, não podem ser interpretadas como intrinsecamente nasais naquele período do idioma, mas como o resultado do espraiamento do traço nasal de uma consoante não especificada, posicionada na coda silábica (Granucci, 2001; Biagioni, 2002).

Acerca dessa questão, Massini-Cagliari (2000, 2001, 2015) expõe um argumento a favor de as vogais nasais do PA serem consideradas, na verdade, como sendo a soma de uma vogal + consoante nasal: palavras e monossílabos terminados em vogais nasalizadas não podem se elidir com palavras seguintes iniciadas por uma vogal. Essa descoberta comprova que sílabas que têm vogais nasais são travadas, ou seja, devem ser entendidas como uma sequência formada por um elemento vocálico somado a uma consoante nasal.

Retratamos, no exemplo (1), a primeira estrofe de uma *cantiga de amigo*, de Paio Gomes Charinho. Na estrofe em questão, o vocábulo *ei*, no primeiro verso, não se une à palavra anterior em virtude da presença da nasal no contexto de coda em *nom*. Já no terceiro e quatro versos, as

palavras seguintes (*amigo; e*), iniciadas com vogal, unem-se aos termos precedentes terminados com consoantes não nasais. As figuras 4 e 5 foram retiradas dos cancioneiros nos quais a cantiga se encontra e ilustram o exposto.

(1)

Mia filha, nom ei eu prazer
de que parecedes tam bem,
ca voss'amigo falar vem
convosc', e ven[ho]-vos dizer
que nulha rem nom creades
que vos diga que sabiades,

Fonte: Adaptado de Lopes e Ferreira et al. (2011-), grifos nossos.

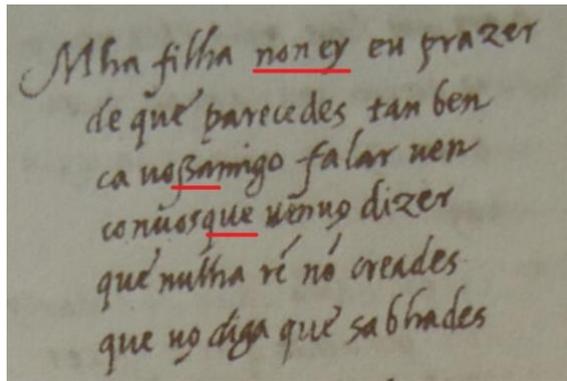


Fig 4. Primeira estrofe da *cantiga de amigo*, de Paio Gomes Charinho, intitulada *Mia filha, nom ei eu prazer*. Fonte: Edição fac-similada do Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (1973, p. 426).

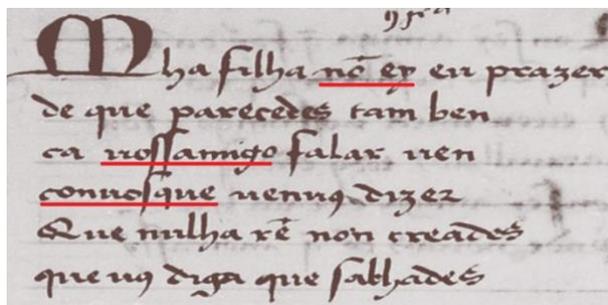
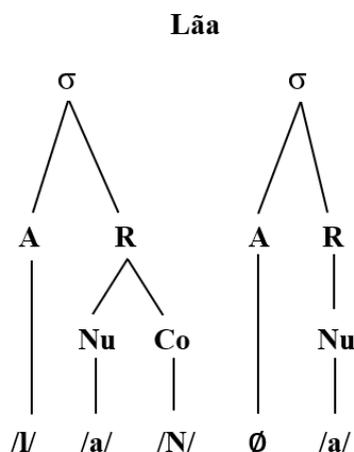


Fig 5. Primeira estrofe da *cantiga de amigo*, de Paio Gomes Charinho, intitulada *Mia filha, nom ei eu prazer*. Fonte: Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 840).

Como se vê, a presença do elemento nasal, seja pela presença de uma consoante *n* (figura 4), seja pela existência de um til sobre a vogal (figura 5), impede a junção dos vocábulos mesmo quando a segunda palavra se inicia com uma vogal. Esse fato, portanto, demonstra que as vogais nasais do português arcaico não traziam o traço nasal em sua forma de base, pois essa nasalidade era fruto da assimilação do traço nasal do segmento que preenchia a coda seguinte. Sendo assim, a existência de ditongos nasais naquela fase era impossível, visto que a vogal nasal compreendia um segmento composto por vogal + consoante nasal.

Dessa maneira, quando há uma sequência de vogais nasais (VṼ), a primeira vogal ocupa a sílaba precedente, travando-a com sua nasalidade, e a segunda vogal figura no núcleo da sílaba seguinte. Em *lãa*, por exemplo, temos a seguinte representação:

(2)



Conforme Parkinson (1997, p. 254), houve, em português, um processo de simplificação em relação às sequências nasais /ãa/ e /õo/, que não se ditongaram. Assim, tais sequências foram simplificadas para as vogais nasais simples /ã/ e /õ/, diferentemente do que sucedeu com o hiato /ão/ do português arcaico, que se transformou em um ditongo, cuja realização fonética apresenta uma vogal [ũ] no lugar do segmento vocálico *o*.

Parkinson (1997, p. 259) afirma que os processos de ditongação devem ter precedido os de simplificação, ou seja, qualquer indício de simplificação nas poesias trovadorescas obrigaria, então, a existência de uma antedata da ditongação. Ainda de acordo com o estudioso,

certamente houve um período em que as variantes se alternaram e, enfim, uma das formas se tornou regular, o que fez com que apenas a forma regular passasse a aparecer na representação escrita. Tomando *lãa* como exemplo, houve um tempo em que as variantes *lãa* e *lã* coexistiram. Com o passar do tempo, a forma simplificada *lã* se tornou preferível e, por fim, a variante inovadora *lã* passou a prevalecer (Parkinson, 1997, p. 259).

Portanto, o estudo de Parkinson (1997) nos permite entender que as sequências de hiatos *ãa* do PA se transformaram em ditongos e, então, simplificaram-se no PB. Em *lãa*, por exemplo, segundo o estudioso, tinha-se um hiato em PA, que passou a figurar como um ditongo em algum ponto no contínuo temporal para, enfim, simplificar-se (*ã.a* (hiato) > *ãa* (ditongo) > *ã*).

Diferentes processos ocorreram com diferentes palavras (como, por exemplo, *gãar*, cuja nasalização se projetou para a sílaba seguinte, transformando-se em uma consoante nasal palatal *nh* (*ganhar*); ou como, por exemplo, em relação ao termo *bõa*, cuja nasalização, proveniente da consoante intervocálica *-n-* latina (*bona*), desapareceu em PB), contudo, independentemente do processo sofrido por cada palavra com sequência de vogais nasais do PA, todas essas sequências se configuravam como hiatos na língua medieval, haja vista a existência de uma consoante nasal não especificada na coda da sílaba que abrigava a vogal com til.

Um fato interessante retratado nos quadros 1 e 2 diz respeito às palavras escolhidas pelos trovadores para rimarem com *reÿa*. Muitas vezes, esse termo aparece rimando com palavras em que no lugar de *ÿa/ïa* havia *ynna/inna*. Tal tipo de variação, frequente na época por nós estudada, refere-se a um processo conhecido como supressão dos hiatos. O português arcaico apresentava, como verificamos por meio dos quadros 1 e 2, uma grande quantidade de vogais em hiato. Esses hiatos eram fruto da queda de consoantes latinas intervocálicas (principalmente *d, l, n*). Segundo Teyssier (1994, p. 35), na fase arcaica tiveram início evoluções no sistema da língua, sendo uma das consequências desses processos de mudança a eliminação dos hiatos. Assim sendo, os hiatos *ÿa/ÿo/ïa/ïo* se tornaram *inna/inno/inha/inho* pelo desenvolvimento de um elemento palatal entre as duas vogais (Coutinho, 1974, p. 111).

Isso posto, devido à presença das duas grafias na documentação poética examinada neste artigo, acreditamos que o português trovadoresco representa um momento de transição entre os vocábulos grafados com *ÿa/ÿo/ïa/ïo* e com *inna/inno/inha/inho*. Na edição de Mettmann (1986), as CSM apresentam ambas as formas gráficas (com *nn* ou hiato). O mesmo pode ser averiguado, por exemplo, quando se analisa os manuscritos originais das composições.

Muitas cantigas têm, portanto, as duas representações escritas, inclusive dentro de um mesmo verso, como ilustramos por meio da figura 6, em que a palavra *vinho* aparece grafada como *vinno* e *vÿo* no mesmo verso da CSM 23. Trata-se da repetição do refrão¹² do poema.

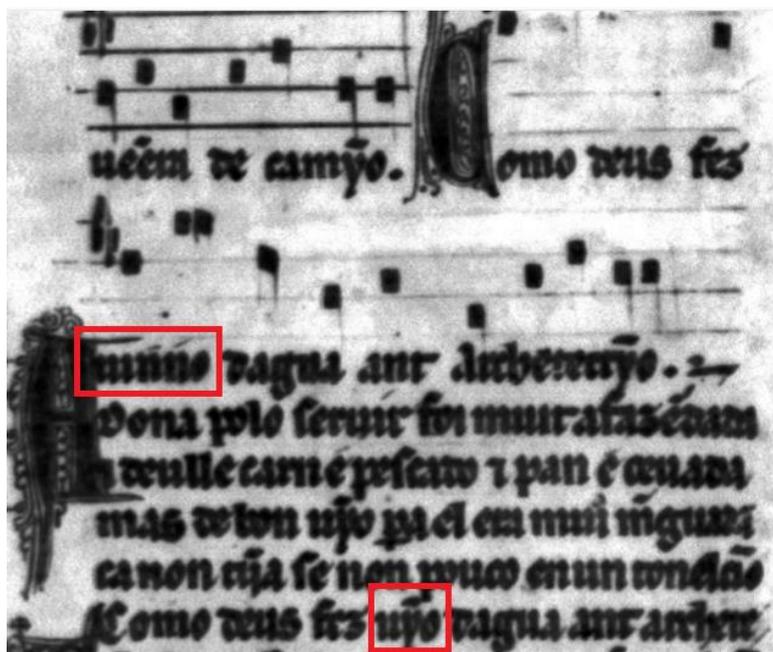


Fig 6. Variação *vinno/vÿo* na CSM 23. Fonte: Microfilme do códice Escorial Rico, cedido pela Biblioteca do Mosteiro de El Escorial. O microfilme em questão pertence ao arquivo do grupo de pesquisa “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”.

Como demonstramos ao longo deste artigo, na etapa arcaica do português, as sequências de vogais nasais consistiam em hiatos (e não em ditongos). A massiva existência de hiatos nasais naquela época da língua se deu em decorrência da queda das consoantes intervocálicas do latim, que, depois de desaparecerem, transferiram o seu traço nasal para a vogal que se encontrava nas imediações. As sequências de vogais nasais do PA, logo, não traziam o traço nasal em sua forma de base, visto que a sua nasalidade era resultado da assimilação do traço nasal do segmento que, antes, ocupava a coda. Com o passar do tempo, os hiatos nasais do português arcaico adquiriram novas configurações: transformaram-se em ditongos (*razões*, *ladroes*, *são*, *cão*), simplificaram-se (*lã*, *rã*, *sã*), perderam o seu traço nasal (*boa*, *leoa*, *pessoa*,

¹² *Como Deus fez vÿo d'agua ant' Archetecrÿo* (Mettmann, 1986, p. 114).

perdoar), ganharam um traço nasal palatal (*rainha*) ou sofreram vários outros processos fonológicos.

Considerações finais

Este artigo, por meio do estudo das 250 cantigas medievais galego-portuguesas adotadas para compor o nosso *corpus*, pôde tecer importantes conclusões acerca das sequências de vogais nasais da etapa arcaica do português. A produção poética desse período da história é considerada por muitos pesquisadores como um verdadeiro patrimônio histórico, haja vista a enorme riqueza linguística (fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical etc.) presente nos documentos remanescentes daquela época.

As sequências de vogais nasais encontradas nos vocábulos pertencentes ao português da época arcaica se configuravam como hiatos e não como ditongos. Desse modo, todas as palavras mapeadas nas 250 cantigas religiosas e profanas que formam nosso *corpus* apresentam hiatos e não ditongos em sua configuração. As vogais em sequência (ÑV), desse modo, ocupam o núcleo de duas sílabas diferentes.

Isso se dá em decorrência da natureza da nasalização dessas sequências de vogais nasais. As vogais com til, naquela época da história, não podem ser interpretadas como intrinsecamente nasais, já que são o resultado do espraçamento do traço nasal de uma consoante não especificada na grafia, posicionada no contexto de coda da sílaba. Dessa maneira, as vogais nasais do PA são compostas por uma vogal e por uma consoante nasal (Ñ = VN).

Assim, ao considerarmos que as vogais nasais do PA são uma sequência VN, assumimos que sílabas representadas com vogal nasal são fechadas por um elemento consonantal. Esse fato inviabiliza, portanto, a formação de ditongos nasais no português arcaico, já que se entende que entre as duas vogais em sequência (ÑV) há, na verdade, uma consoante nasal (VN.V).

Muitos estudiosos, ao longo da história do português, voltaram-se ao estudo dessa língua por meio do seu passado, analisando os textos de períodos distantes da época atual em busca de pistas, mesmo que mínimas, que indicassem os caminhos traçados pela civilização para obter o que hoje chamamos de português brasileiro, ou ainda, que mostrassem quais foram as reflexões feitas pelos escritores do passado ao escolher uma forma de grafia e não outra.

Investigar a escrita dos textos antigos à procura de traços e formas que ajudem a explicar a estrutura da nossa língua é uma tarefa árdua, lenta e, até mesmo, solitária. O grupo de pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*, cuja sede está situada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, campus de Araraquara-SP, dedica-se a desse tipo de estudo há anos, sob supervisão da Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari. Com foco nas produções poéticas da Idade Média, o grupo em questão utiliza das cantigas medievais galego-portuguesas, das vertentes religiosa e profana, a fim de analisar diferentes aspectos da língua daquele período da história, promovendo investigações extremamente importantes acerca não apenas do passado da nossa língua, mas também sobre o nosso passado enquanto falantes.

Este artigo buscou mostrar como a análise da escrita do passado pode oferecer dados de grande relevância para pesquisas voltadas ao estudo de diferentes aspectos do idioma. Como na época arcaica o português ainda não apresentava uma norma padrão oficial estabelecida por lei, a variação gráfica dominava a documentação produzida naquele período (Mattos e Silva, 2006). Dessa forma, a presença marcante nos textos medievais de variações na representação da escrita é um “prato cheio” para o tipo de análise realizada neste estudo, que busca retratar a importância de se estudar a grafia antiga para entender o português atual.

Agradecimentos

Agradecemos à FAPESP (Processos: 2022/09590-4¹³ e 2024/03323-0¹⁴) e ao CNPq (Processo: 304657/2023-9) por viabilizarem a realização desta pesquisa.

¹³ Pós-Doutorado no Brasil.

¹⁴ Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (Munique, Alemanha).

Referências

AFONSO X O SABIO. 2003. *Cantigas de Santa María*: edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia.

ANGLÉS, H. *La música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el sabio*: facsímil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música, 1964.

BARRETO, D. A. J. B.; MASSINI-CAGLIARI, G.; FONTE, J. S. (no prelo) A nasalização das vogais e dos ditongos no ancestral medieval do português brasileiro atual. Aceito para publicação em *Alfa, Revista de Linguística*. Unesp.

BARRETO, D. A. J. B.; MASSINI-CAGLIARI, G. (no prelo). O estatuto fonológico das consoantes nasais do português arcaico. Aceito para publicação em *Alfa, Revista de Linguística*. Unesp.

BIAGIONI, A. B. *A sílaba em português arcaico*. Araraquara, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FCL/UNESP.

CANCIONEIRO Português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803): Reprodução fac-similada com introdução de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: *Centro de Estudos Filológicos, Instituto de Alta Cultura*, 1973.

CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti): Cód. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: *Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional – Casa da Moeda*, 1982.

CANCIONEIRO da Ajuda: Edição fac-similada do códice existente na *Biblioteca da Ajuda*. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1994.

CASTRO, B. M. *As Cantigas de Santa Maria*: Um estilo gótico na lírica ibérica medieval. Niterói: EdUFF, 2006.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FARACO, C. A. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2016.

FERREIRO, M. (Dir.) (2018-): *Universo Cantigas. Edición crítica da poesía medieval galego-portuguesa*. Universidade da Coruña. Disponível em: <<http://universocantigas.gal>>. ISSN 2605-1273.

GALINDO, C. W. *Latim em pó*. Um passeio pela formação do nosso português. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GRANUCCI, P. M. F. *O sistema vocálico do português arcaico*: um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo. Araraquara, 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FCL/UNESP.

LAGARES, X. C. *Dinâmicas normativas e espaços linguísticos*: contrastes e interseções na construção do português e do espanhol. *Treballs de Sociolingüística catalana*, v. 31, p. 63-79, 2021.

LANCIANI, G. Cantiga de amor. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993a, p. 136-138.

LANCIANI, G. Cantiga de amigo. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993b, p. 135-136.

LOPES, G. V.; FERREIRA, M. P. et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcs.unl.pt>>. Acesso em: 10 maio 2024.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica? In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, 1998, p. 159-178.

MASSINI-CAGLIARI, G. De monossílabos e de elisão. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, GEL; Assis, FCL/UNESP, v. 29, 2000, p. 345-350.

MASSINI-CAGLIARI, G. *As dimensões rítmicas da elisão em Português Arcaico*. In: Congresso da Associação Internacional dos Lusitanistas, 6, 2001, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. Fontes, edições e estrutura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores*: desvendando a prosódia medieval. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2015.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas*: elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico*: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W. (Org.). *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.

MONGELLI, L. M. *Fremosos cantares: Antologia da lírica medieval galego-portuguesa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

PARKINSON, S. Final nasals in the Galician-Portuguese *cancioneiros*. In: MACKENZIE, D.; MICHAEL, I. (Orgs.). *Hispanic Studies in Honour of F. W. Hodcroft*. Llangrannog: The Dolphin Book Co., 1993, p. 51-62.

PARKINSON, S. Aspectos teóricos da história das vogais nasais portuguesas. In: *Lingüística Histórica: história da Lingüística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Lingüística, 1997, v. 2, p. 253-272.

PARKINSON, S. *As Cantigas de Santa Maria: estado das questões textuais*. Anuario de estudios literarios galegos, 1998, p. 179-205.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 6ª ed. portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

VENÂNCIO, F. *Assim nasceu uma língua*. São Paulo: Tinta da China, 2019.

ZUCARELLI, F. E. *Ditongos e hiatos nas cantigas medievais galego-portuguesas*. Araraquara, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP.

Apêndice

Quadro 1. Palavras grafadas com sequências de vogais nasais em contextos de rima nas CSM.

Palavras (Mettmann, 1986)	Versos ¹⁵ que rimam ¹⁶ entre si (Mettmann, 1986)	Ditongo ou hiato?	CSM
ãa/sãa	<i>fosse da lingua, que non dissess' "ãa"</i> <i>Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: ã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
abaldõa/bõa	<i>que aos que ela ama / por ll' errar non abaldõa</i> <i>Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: abaldõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
açãa/sãa	<i>ca non vos avia el outr' açãa</i> <i>Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: açã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69

¹⁵ É preciso pontuar que os versos listados não estão, necessariamente, em sequência nas cantigas. Assim, coletamos somente os versos em que as palavras focalizadas rimam entre si, podendo haver um ou mais versos entre os versos aqui apresentados.

¹⁶ Algumas rimas se repetem várias vezes dentro da estrofe. Em razão disso, optou-se por coletar unicamente a rima mais próxima à palavra estudada.

agẽollasse	<i>Que lle fezo sinas que sse chegasse ant' o preste e que ss' agẽollasse</i>	Hiato: agẽ-ollasse (ẽ + o)	69
agÿa/mesqÿa	<i>Poi-lo menÿo fo morto, / o judeu muit' agÿa mas deu maa noite / a sa madre, a mesqÿa</i>	Hiato: agÿ-a (ĩ + a) Hiato: mesqÿ-a (ĩ + a)	6
agÿa/Reÿa	<i>que sa vertude nos acorr' agÿa Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: agÿ-a (ĩ + a) Hiato: reÿ-a (ĩ + a)	54
aldeão/crischão/ loução	<i>Poren direi com' un clerig' aldeão de mui santa vida e mui bon crischão ouv' un seu feegres soberv' e loução</i>	Hiato: aldeã-o (ã + o) Hiato: crischã-o (ã + o) Hiato: louçã-o (ã + o)	65
alumẽado	<i>que todo o lugar foi alumẽado A creer devemos que todo pecado</i>	Hiato: alumẽ-ado (ẽ + a)	65
alumẽou	<i>E poi-la donzela chegou do seu gran lum' alumẽou</i>	Hiato: alumẽ-ou (ẽ + o)	49
amẽaçou	<i>e a Santa Maria / mui de rrijo chamou que ll' appareceu log' e / o tour' amẽaçou</i>	Hiato: amẽ-açou (ẽ + a)	47
amercẽar/sãar	<i>doo e piedad' e del amercẽar Nulla enfermidade / non é de sãar</i>	Hiato: amercẽ-ar (ẽ + a) Hiato: sã-ar (ã + a)	93
andorÿa/Reÿa	<i>como muda penas a andorÿa Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: andorÿ-a (ĩ + a) Hiato: reÿ-a (ĩ + a)	54
antivãa/sãa	<i>a ta graça, e cantou antivãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: antivã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
apõer	<i>que falsidade foran apõer A Virgen sempr' acorrer, acorrer</i>	Hiato: apõ-er (õ + e)	97
apregõa/bõa	<i>que fezera, cujos feitos / todo o mund' apregõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: apregõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
apregõar	<i>avia de que o non pod' achar e porende o fez apregõar</i>	Hiato: apregõ-ar (õ + a)	44
Archetecrÿo	<i>Como Deus fez vÿo d'agua ant' Archetecrÿo ben assi depois sa Madr' acrecentou o vinno</i>	Hiato: Archetecrÿ-o (ĩ + o)	23
assũada	<i>ontr' a gent' assũada muy desaconsellada</i>	Hiato: assũ-ada (ũ + a)	1
assũara	<i>de gent' ali assũara o fez, e que o tomara</i>	Hiato: assũ-ara (ũ + a)	51
avẽera	<i>contando como ll' avẽera seus nenbros todos ll' enton dera</i>	Hiato: avẽ-era (ẽ + e)	89

avêo/chêo/vêo	<i>Dest' un miragre vos direi que avêo en Seixons, ond' un livro á todo chêo de miragres ben d' i, ca d' allur non vêo</i>	Hiato: avê-o (ê + o) Hiato: chê-o (ê + o) Hiato: vê-o (ê + o)	61
avïir	<i>Assi a Virgen avïir fez estas duas, sen falir</i>	Hiato: avï-ir (ï + i)	68
bastôes/pipiôes	<i>e os pees e deron-lle muitas con bastôes que lles esterlïis dêsse, ca non pipiôes</i>	Hiato: bastô-es (ô + e) Hiato: pipiô-es (ô + e)	85
bêeizer	<i>tïia seus braços en maneira de bêeizer britou-ll' end' un assi que ll' ouvera log' a caer</i>	Hiato: bê-eizer (ê + e)	38
bêeizia	<i>San Pedr' o sino tangia cantand', e el bêeizia</i>	Hiato: bê-eizia (ê + e)	66
bôa/perdôa	<i>Atant é Santa Maria / de toda bondade bôa que mui d' anvidos s' assanna / e mui de grado perdôa</i>	Hiato: bô-a (ô + a) Hiato: perdô-a (ô + a)	55
borôa/bôa	<i>do corp' e criar-llo manda / de pan, mais non de borôa Atant é Santa Maria / de toda bondade bôa</i>	Hiato: borô-a (ô + a) Hiato: bô-a (ô + a)	55
câa/sâa	<i>ena cabeça, e a barva câa Santa Maria os enfermos sâa</i>	Hiato: câ-a (â + a) Hiato: sâ-a (â + a)	69
caavrÿa/Reÿa	<i>peyor cheirava que a caavrÿa Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: caavrÿ-a (ï + a) Hiato: reÿ-a (ï + a)	54
cadêados	<i>de noite tras cadêados Aos seus acomendados</i>	Hiato: cadê-ados (ê + a)	83
camÿo	<i>del Rei, que a ssa casa vëera de camÿo Como Deus fez vÿo d'agua ant' Archetecryo</i>	Hiato: camÿ-o (ï + o)	23
camÿo/menÿo	<i>E logo en outro dia / entraron en seu camÿo e a madr' en ataude / levou sig' aquel menÿo e foron en quatro dias, / e ant' o altar festinno</i>	Hiato: camÿ-o (ï + o) Hiato: menÿ-o (ï + o)	43
camÿo/mesqÿo/ festÿo/armÿo	<i>Pois esto fez, meteu-ss' ao camÿo e non sse mãefestou o mesqÿo e o demo mui festÿo mais branco que un armÿo</i>	Hiato: camÿ-o (ï + o) Hiato: mesqÿ-o (ï + o) Hiato: festÿ-o (ï + o) Hiato: armÿ-o (ï + o)	26
canpaÿa/Reÿa	<i>foron tanger hÿa ssa capaÿa Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: canpaÿ-a (ï + a) Hiato: reÿ-a (ï + a)	54
Catalÿa/Reÿa	<i>que irás u é Santa Catalÿa Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: Catalÿ-a (ï + a) Hiato: reÿ-a (ï + a)	54
cêar	<i>fora de mui ben jantar e outrosi ben cêar</i>	Hiato: cê-ar (ê + a)	88
çertâa/sâa	<i>lle fez falar paravoa çertâa Santa Maria os enfermos sâa</i>	Hiato: çertâ-a (â + a) Hiato: sâ-a (â + a)	69

chãa/sãa	<i>que dentro non cabian ne-na chãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: chã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
chão/crischão	<i>bêes ali logo de chão e en seu Fill', e foi crischão</i>	Hiato: chã-o (ã + o) Hiato: crischã-o (ã + o)	25
çizillãa/sãa	<i>ou de Salerna, a çizillãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: çizillã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
coirmãa/sãa	<i>a Virgen, d' Elisabet coirmãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: coirmã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
compõer	<i>e por esto fez compõer quant' el ao judeu render</i>	Hiato: compõ-er (õ + e)	25
conpannões/rações	<i>u achou un sant' abade con seus conpannões que partiron mui de grado con el sas rações</i>	Hiato: conpannõ-es (õ + e) Hiato: raçõ-es (õ + e)	85
convãia/Reĩa	<i>que o ongesen como convãia Toda saude da Santa Reĩa</i>	Hiato: convã-ia (ĩ + i) Hiato: reĩa-a (ĩ + a)	54
corações/visiões	<i>ben dos corações sas grandes visiões</i>	Hiato: coraçõ-es (õ + e) Hiato: visiõ-es (õ + e)	85
corõa/bõa	<i>fora de seu mõeiteiro / con un preste de corõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: corõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
corõada	<i>como foy corõada quis, des que foy passada</i>	Hiato: corõ-ada (õ + a)	1
corõar	<i>que a Reinna do Ceo / quis en Toledo mostrar eno dia que a Deus foi corõar</i>	Hiato: corõ-ar (õ + a)	12
crẽemos	<i>cantares, hũa cadea / nos dade a que crẽemos A Virgen Santa Maria / todos a loar devemos</i>	Hiato: crẽ-emos (ẽ + e)	8
dẽostados	<i>e ontr' os malaventurados per que foron del dẽostados</i>	Hiato: dẽ-ostados (ẽ + o)	38
dẽostava	<i>Aqueste de fazer dano / sempre ss' ende traballava e a todos seus vezõs / feria e dẽostava</i>	Hiato: dẽ-ostava (ẽ + o)	45
dẽosto	<i>Con un cavaleir' aposto e non catou seu dẽosto</i>	Hiato: dẽ-osto (ẽ + o)	59
dẽostou	<i>Mente; ca a Deus dẽostou e sa Madre non leixou</i>	Hiato: dẽ-ostou (ẽ + o)	72
descomũal	<i>que sofrer door atan descomũal A Virgen nos dá saud' / e tolle mal</i>	Hiato: descomũ-al (ũ + a)	91
devõador	<i>tornou-ss' en forma d' ome sabedor e mostrando-sse por devõador</i>	Hiato: devõ-ador (ĩ + a)	17

dẽiro	<i>fidalg' e rico sobejo, / mas era brav' e terreiro sobervios' e malcreente, que sol por Deus un dẽiro</i>	Hiato: dẽ-eiro (ĩ + e)	45
dõa/bõa	<i>de por nulla ren rogar-te, / mas peço-ch' esto por dõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: dõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
dõado	<i>aquel poboo yrado destruir; mas en dõado</i>	Hiato: dõ-ado (õ + a)	99
dõado/razõado	<i>E ssequer o meu serviço / averedes en dõado e demais viu-o fremoso, / apost' e ben razõado</i>	Hiato: dõ-ado (õ + a) Hiato: razõ-ado (õ + a)	67
dragões/carvões	<i>e mostrou-lle un gran vale chõo de dragões e d' outros diabos, negros mui mais que carvões</i>	Hiato: dragõ-es (õ + e) Hiato: carvõ-es (õ + e)	85
ẽemigo	<i>talla o que trages tigo en poder do ẽemigo</i>	Hiato: ẽ-emigo (ẽ + e)	26
engẽoso	<i>O meny' a maravilla / er' apost' e fremoso e d' aprender quant' oya / era muit' engẽoso</i>	Hiato: engẽ-oso (ẽ + o)	6
enlumẽada	<i>a nuv' enlumẽada seu Fill'; e poys alçada</i>	Hiato: enlumẽ-ada (ẽ + a)	1
entenções/ gualardões	<i>que en min e en meu Fillo vossas entenções tornedes e reçebades bõos gualardões</i>	Hiato: entençõ-es (õ + e) Hiato: gualardõ-es (õ + e)	85
Espya/Reya	<i>monge branco com' estes da Espya Toda saude da Santa Reya</i>	Hiato: Espy-a (ĩ + a) Hiato: rey-a (ĩ + a)	54
estrãyo/eãyo	<i>Pois ll' este don tan estrãyo disse: Par Deus, muit eãyo</i>	Hiato: estrã-yo (ã + i) Hiato: eã-yo (ã + i)	2
gãar/perdõar	<i>non poss' eu perdon gãar a seu Fillo perdõar</i>	Hiato: gã-ar (ã + a) Hiato: perdõ-ar (õ + a)	3
gãastes	<i>gran traiçon y pensastes pois falssament' a gãastes</i>	Hiato: gã-astes (ã + a)	26
gãemos	<i>de como nos guardemos e en como gãemos</i>	Hiato: gã-emos (ã + e)	49
galardõado	<i>por lle seer de Deus pois galardõado A creer devemos que todo pecado</i>	Hiato: galardõ-ado (õ + a)	65
gãou	<i>Do algarve, que gãou meteu y, e ar pobrou</i>	Hiato: gã-ou (ã + o)	A
gẽollos	<i>Log' enton a dona, / chorando dos ollos des que el ouvesse / fito-los gẽollos</i>	Hiato: gẽ-ollos (ẽ + o)	9
grãa/sãa	<i>era que non ést' a nev' e a grãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: grã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69

grãada	<i>lle quis, atan grãada que por el esforçada</i>	Hiato: grã-ada (ã + a)	1
grãadeces	<i>tan santas grãadeces que os teus non faleces</i>	Hiato: grã-adeces (ã + a)	20
humãa/sãa	<i>esta claridade non é humãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: humã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
infançõa/bõa	<i>e cuidaron que fill' era / d' infançon e d' infançõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: infançõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
irmãos/mãos	<i>dizendo: "Matemo- / lo ora, irmãos" Sandeus, non ponnades / en ele as mãos</i>	Hiato: irmã-os (ã + o) Hiato: mã-os (ã + o)	9
jajũado	<i>Ca non á tan arrizado se muit' ouver jajũado</i>	Hiato: jajũ-ado (ũ + a)	88
jejũar	<i>en aver a jejũar sen sal nen pont' y deitar</i>	Hiato: jejũ-ar (ũ + a)	88
jusãa/sãa	<i>perant' a porta que é mais jusãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: jusã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
lãa/sãa	<i>era velos' e coberto de lãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: lã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
ladrõa/bõa	<i>andando senpre de noite, / come sse fosse ladrõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: ladrõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
ladrões/orações	<i>E pois que os ladrões por eles orações</i>	Hiato: ladrõ-es (õ + e) Hiato: oraçõ-es (õ + e)	57
ladrões/torçillões	<i>por converter un judeu que prenderan ladrões a que chagas grandes deran e pois torçillões</i>	Hiato: ladrõ-es (õ + e) Hiato: torçillõ-es (õ + e)	85
ledanã/Reĩa	<i>e pois completas e a ledanã Toda saude da Santa Reĩa</i>	Hiato: ledanã-a (ĩ + a) Hiato: reĩa-a (ĩ + a)	54
leõa/bõa	<i>e por el foi mas coitada / que por seu fill' é leõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: leõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
leytões/cabrões	<i>con que serás se creveres en el e leytões comeres e leixares a degolar cabrões</i>	Hiato: leytõ-es (õ + e) Hiato: cabrõ-es (õ + e)	85
Lisbõa/bõa	<i>que a por amiga teve / un mui gran tenp' en Lisbõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: Lisbõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
louçãa/sãa	<i>a Virgen piedosa e louçãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: louçã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
louçãos/vãos/ certãos/mãos	<i>Responderon os demões louçãos Cuja est' alma foi fez feitos vãoos por que somos ben certãos ante Deus, pois con sas mãos</i>	Hiato: louçã-os (ã + o) Hiato: vão-os (ã + o) Hiato: certã-os (ã + o) Hiato: mã-os (ã + o)	26

louçayã/Reÿa	<i>sen tod' orgullo e sen louçayã Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: louçayã-a (ĩ + a) Hiato: reÿ-a (ĩ + a)	54
lÿo/Archetecrÿo	<i>se non, nunca vestirei ja mais lãa nen lÿo Como Deus fez vÿo d'agua ant' Archetecrÿo</i>	Hiato: lÿ-o (ĩ + o) Hiato: Archetecrÿ-o (ĩ + o)	23
mãa/sãa	<i>de Pedr' e a orella lle mãa Santa Maria os enÿermos sãa</i>	Hiato: mã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
mãar	<i>viu duas tetas a par que foron logo mãar</i>	Hiato: mã-ar (ã + a)	46
Madodã/Reÿa	<i>loores, a Estrella Madodã Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: Madodã-a (ĩ + a) Hiato: reÿ-a (ĩ + a)	54
mãefestou	<i>Pois que aquest ouve dit' e / sse mãefestou e do mal que feit' avia / muito lle pesou</i>	Hiato: mã-efestou (ã + e)	98
mannãa/sãa	<i>que o sãasse. E hÿa mannãa Santa Maria os enÿermos sãa</i>	Hiato: mannã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
mantêer/têer/ bêeizer	<i>Est' uso foi mantêer rosal, que viron têer porque fora bêeizer</i>	Hiato: mantê-er (ẽ + e) Hiato: tê-er (ẽ + e) Hiato: bê-eizer (ẽ + e)	56
mão/chão/cão	<i>Da ygreja; e ya pela mão con el un preste. E viu ben de chão Pedro vÿir a ssi un ome cão</i>	Hiato: mã-o (ã + o) Hiato: chã-o (ã + o) Hiato: cão-o (ã + o)	69
meezÿas/reÿas	<i>nen lle prestaren meezÿas Reÿa das outras reÿas</i>	Hiato: meezÿ-as (ĩ + a) Hiato: reÿ-a (ĩ + a)	89
mesquÿa/Reÿa	<i>por nos filar nossa carne mesquÿa Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: mesquÿ-a (ĩ + a) Hiato: reÿ-a (ĩ + a)	54
mesqÿo/camÿo	<i>mas a voz do ceo / lle disse: Mesqÿo a omagen tigo / e vas teu camÿo</i>	Hiato: mesqÿ-o (ĩ + o) Hiato: camÿ-o (ĩ + o)	9
mõestamento	<i>Pois que o preste viu que mõestamento non lle valia ren hÿa vez nen çento</i>	Hiato: mõ-estamento (õ + e)	65
mõesteiro	<i>per aqui log' e teu mõesteiro e fÿeo comerás por fazfeiro</i>	Hiato: mõ-esteiro (õ + e)	15
mÿudos	<i>ontre poboos mÿudos seus miragres mais sabudos</i>	Hiato: mÿ-udos (ĩ + u)	46
nõa/bõa	<i>de dizer prima e terça, / sexta, vespervas e nõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: nõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
ocajões/tentações	<i>que rogan polos crischãos que Deus d' ocajões os guarde e do diab' e de sas tentações</i>	Hiato: ocajõ-es (õ + e) Hiato: tentaçõ-es (õ + e)	85
orações/dões	<i>e por saber mais quen era, fez sas orações que lle dissesse seu nome, e dar-ll-ia dões</i>	Hiato: oraçõ-es (õ + e) Hiato: dõ-es (õ + e)	85

ordyados	<i>un mōesteiro d' ordyados porque os ouv' el sospyados</i>	Hiato: ordy-ados (ĩ + a)	38
padrõa/bõa	<i>dizendo: "Bêeita eras, / dos pecadores padrõa." Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: padrõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
pagão/crischão	<i>aquel Soldan pagão mais me quer' eu crischão</i>	Hiato: crischã-o (ã + o) Hiato: pagã-o (ã + o)	28
pêa/Luçêa/cadêa	<i>Que lle davan e gran pêa porque era de Luçêa Sen tod' est', en gran cadêa</i>	Hiato: pê-a (ẽ + a) Hiato: Luçê-a (ẽ + a) Hiato: cadê-a (ẽ + a)	83
pêdença	<i>E quis comungar e fillar pêdença mais non lla quiseron dar pola sentença</i>	Hiato: pê-edença (ẽ + e)	65
peões/quinnões	<i>e deron-lle pan e agua aqueles peões en tal que lles non morress' e ouvensen quinnões</i>	Hiato: peõ-es (õ + e) Hiato: quinnõ-es (õ + e)	85
pequenã/Reya	<i>en hũa capela mui pequenã Toda saude da Santa Reya</i>	Hiato: pequenã-a (ĩ + a) Hiato: reya-a (ĩ + a)	54
perdõado	<i>A creer devemos que todo pecado Deus pola sa Madr' averá perdõado</i>	Hiato: perdõ-ado (õ + a)	65
perdõar	<i>a seu Fillo perdõar ll' imos falir e errar</i>	Hiato: perdõ-ar (õ + a)	3
perdõou	<i>Por ela nos perdõou da maçãa que gostou</i>	Hiato: perdõ-ou (õ + o)	3
pessõa/bõa	<i>se che fiz algum serviço, / e guarda-me mia pessõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: razõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
pial	<i>andou, e en un' hermida / se meteu cab' un pial A Virgen mui groriosa, / Reya espirital</i>	Hiato: pial (ĩ + a)	42
põede	<i>Dizend': Ai Santa Maria, / a nossa coyta veede e con Deus, o vosso Fillo, / que todo pode, põede</i>	Hiato: põ-ede (õ + e)	48
põer	<i>Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer, Santa Maria deve sempr' ante si põer</i>	Hiato: põ-er (õ + e)	5
pregões/ofreções	<i>e deste feito foron pelas terras pregões por que a Santa Maria deron ofreções</i>	Hiato: pregõ-es (õ + e) Hiato: ofreçõ-es (õ + e)	85
prijões/lijões	<i>mais fremosa que o sol; e logo ll' as prijões quebrantou, e foi guarido de todas lijões</i>	Hiato: prijõ-es (õ + e) Hiato: lijõ-es (õ + e)	85
prijões/varões/ corações	<i>De mortes e de prijões e por aquesto, varões sempr' os vossos corações</i>	Hiato: prijõ-es (õ + e) Hiato: varõ-es (õ + e) Hiato: coraçõ-es (õ + e)	83

quintãa/sãa	<i>que non cabian y nena quintãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: quintã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
rãa/sãa	<i>que ja oya o galo e a rãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: rã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
razõa/bõa	<i>pera a ssa majestade, / e como quen sse razõa Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: razõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
razõador	<i>nos for mester, razõador De graça chëa e d' amor</i>	Hiato: razõ-ador (õ + a)	80
religiões/sões	<i>u viu seer Jesu-Cristo com religiões d' angeos, que sempre cantan ant' el doços sões</i>	Hiato: religiõ-es (õ + e) Hiato: sõ-es (õ + e)	85
remiisti	<i>e con el nos remiisti que fez Eva, e vencisti</i>	Hiato: remi-isti (i + i)	40
reÿa	<i>Outrosi en essa vila / era hua velloçinna mui cativa e mui pobre / e de tod' aver mesquinna mais amava Jesu-Cristo / e a ssa Madr', a Reÿa</i>	Hiato: reÿ-a (i + a)	75
reÿa	<i>Quand' ela est' ouve dito, / chegou a Santa Reÿa e ena coita da dona / pos logo ssa meezynna e a un angeo disse: / Tira-ll' aquel fill' agynna</i>	Hiato: reÿ-a (i + a)	55
reÿa/manÿa	<i>Porend' un miragr' aquesta Reÿa moller, que con coita de que manÿa</i>	Hiato: reÿ-a (i + a) Hiato: manÿ-a (i + a)	21
reÿa/meezÿa	<i>Toda saude da Santa Reÿa ven, ca ela é nossa meezÿa</i>	Hiato: reÿ-a (i + a) Hiato: meezÿ-a (i + a)	54
rezõado	<i>ben rezõado a seu chamado</i>	Hiato: rezõ-ado (õ + a)	11
rezõamos	<i>Santiago diss': Atanto façamos pois nos e vos est' assi rezõamos</i>	Hiato: rezõ-amos (õ + a)	26
rezõar	<i>a ya mui' e catar ontre ssi e rezõar</i>	Hiato: rezõ-ar (õ + a)	46
rezõava	<i>Pois esto disse, chamar mandava Juyão falsso, que rezõava</i>	Hiato: rezõ-ava (õ + a)	15
romãa/sãa	<i>a hostia a costume romãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: romã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
sãa/vãa	<i>Santa Maria os enfermos sãa e os sãos tira de via vãa</i>	Hiato: sã-a (ã + a) Hiato: vã-a (ã + a)	69
sãar	<i>ouvi muitos, se me non quer sãar seer por nos pecadores salvar</i>	Hiato: sã-ar (ã + a)	38
sãava	<i>Pero avëo-ll' atal que ali u sãava cada un nembro per si mui de rig' estalava</i>	Hiato: sã-ava (ã + a)	77

sancristãa/campãa	<i>Da ygrej' e sancristãa do logar, e a campãa</i>	Hiato: sancristã-a (ã + a) Hiato: campã-a (ã + a)	59
são/certão/chão	<i>E quando s' espertou, sentiu-sse mui ben são a catou o pe; e pois foi del ben certão non semellou log', andando per esse chão</i>	Hiato: sã-o (ã + o) Hiato: certã-o (ã + o) Hiato: chã-o (ã + o)	37
sãos/mãos/ crischãos	<i>E log' ouveron sãos ollos, pees e mãos que nunca a crischãos</i>	Hiato: sã-os (ã + o) Hiato: mã-os (ã + o) Hiato: crischã-os (ã + o)	57
sãou	<i>De que atan ben sãou moller, que logo tornou</i>	Hiato: sã-ou (ã + o)	81
sãydade	<i>Ali van muitos enfermos, / que recebem sãydade e ar van-x' i muitos sãos, / que dan y ssa caridade</i>	Hiato: sã-ydade (ã + i)	31
sazões/felões	<i>avedes mui gran desamor en todas sazões e matastes-me meu Fillo come mui felões</i>	Hiato: sazõ-es (õ + e) Hiato: felõ-es (õ + e)	85
sẽo/allẽo/vẽo/fẽo	<i>O sant' ome tirou de seu sêo dizend': Esto nos dan do allêo Pois ta pessoa nobr' aqui vêo Juyão disse: Den-ti do fêo</i>	Hiato: sê-o (ê + o) Hiato: allê-o (ê + o) Hiato: vê-o (ê + o) Hiato: fê-o (ê + o)	15
sermõar	<i>ouve tod' aquel logar con seu mao sermõar</i>	Hiato: sermõ-ar (õ + a)	88
sõa/bõa	<i>dizendo: "Por Deus, mia filla, logo aa terça sõa." Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: sõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
sõadas	<i>Estas novas pela terra foron mui sõadas e gentes de todas partes foron y juntadas</i>	Hiato: sõ-adas (õ + a)	95
sões/razões	<i>Fezo cantares e sões todos de sennas razões</i>	Hiato: sõ-es (õ + e) Hiato: razõ-es (õ + e)	A
Solarãa/sãa	<i>que chamavan Pedro de Solarãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: Solarã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
taulãa/Reÿa	<i>que non podia trocir a taulãa Toda saude da Santa Reÿa</i>	Hiato: taulã-a (ĩ + a) Hiato: reÿ-a (ĩ + a)	54
têer	<i>que viia resprandecer e enos braços têer</i>	Hiato: tê-er (ê + e)	4
terrêal	<i>en leixar Deus por ome terrêal De muitas guisas nos guarda de mal</i>	Hiato: terrê-al (ê + a)	58
têudo	<i>sempre dos coitados, queras que acorrudo seja per ti; se non, serei oi mais têudo</i>	Hiato: tê-udo (ê + u)	37
tíia/agíia/meezÿa	<i>Ca u quis têe-lo fillo / e a cera que tíia deu fever ao menÿo / e mató-o muit' agíia que lle nunca prestar pode / fisica nen meezÿa</i>	Hiato: tí-ia (ĩ + i) Hiato: agí-a (ĩ + a) Hiato: meezÿ-a (ĩ + a)	43

tições/grinões	<i>e as fazian arder assi como tições e queimando-lle-las barvas e pois os grinões</i>	Hiato: tiçõ-es (õ + e) Hiato: grinõ-es (õ + e)	85
toledãa/sãa	<i>grande fez na cidade toledãa Santa Maria os enfermos sãa</i>	Hiato: toledã-a (ã + a) Hiato: sã-a (ã + a)	69
toneleçyo/ Archetecrçyo	<i>ca non tãa senon pouco en un tonelçyo Como Deus fez vçyo d'agua ant' Archetecrçyo</i>	Hiato: tonelçyo-o (i + o) Hiato: Archetecrçyo-o (i + o)	23
Trĩidade	<i>per poder de Jesu-Cristo, / que é Deus en Trĩidade A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade</i>	Hiato: Trĩ-idade (ĩ + i)	67
varõa/bõa	<i>dizendo: "Tornar-me quero, / e leixade-m' yr, varõa." Atant é Santa Maria / de toda bondade bõa</i>	Hiato: varõ-a (õ + a) Hiato: bõ-a (õ + a)	55
vãydade	<i>e esvãeçeu ant' eles, / como x' era vãydade A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade</i>	Hiato: vã-ydade (ã + i)	67
vẽera	<i>Enton tod' aquela gente / que y juntada era foron corrend' aa casa / ond' essa voz vẽera</i>	Hiato: vẽ-era (ẽ + e)	6
vẽeron	<i>log' y vẽeron outra fezeron</i>	Hiato: vẽ-eron (ẽ + e)	18
vêes/têes/bêes	<i>Que sol non disseron: "Dona, onde vêes?" nen "de que o levas, gran torto nos têes." Esto fez a Virgen que ja outros bêes</i>	Hiato: vê-es (ẽ + e) Hiato: tê-es (ẽ + e) Hiato: bê-es (ẽ + e)	62
vêessen	<i>E pois que foy morto, quis Deus que soubessen sa mort' os da vila e logo vêessen</i>	Hiato: vê-essen (ẽ + e)	65
vêestes	<i>E ao crerig' ar disse: / Ide-vos, ca ben fezestes e muito são pagada / de quan ben aqui vêestes</i>	Hiato: vê-estes (ẽ + e)	75
vẽo/sẽo	<i>log' ant' o Bispo vẽo e pois lle vçu o sẽo</i>	Hiato: vẽ-o (ẽ + o) Hiato: sẽ-o (ẽ + o)	7
vezçyo	<i>Deus posera, que quis dela seer seu vezçyo Como Deus fez vçyo d'agua ant' Archetecrçyo</i>	Hiato: vezçyo-o (i + o)	23
vãia/Reçya	<i>a ourient' onde o sol vãia Toda saude da Santa Reçya</i>	Hiato: vã-ia (i + i) Hiato: reçya-a (i + a)	54
vũido	<i>do sennor de que era foi espedido e ao mõeiteiro logo vũido</i>	Hiato: vũ-ido (i + i)	61
vũindo	<i>Logo a Santa Virgen a el en dormindo per aquel pe a mão yndo e vũindo</i>	Hiato: vũ-indo (i + i)	37
vũir	<i>cavalgou e quanto mais pod' a Roma começou de ss'ir e a pouca d'ora vçu a Emperadriz a ssi vũir</i>	Hiato: vũ-ir (i + i)	5
vũir/fũir	<i>terra de Perssia, quero vũir e ta cidade ti destruyr ou te farey de fame fũir</i>	Hiato: vũ-ir (i + i) Hiato: fũ-ir (i + i)	15

vĩisti	<i>u yamos, e metisti con quanto ben nos v̄isti</i>	Hiato: v̄i-isti (ĩ + i)	40
vilão/mão	<i>Dizend' esto aa noyte, / outro dia o vilão quis ir vende-lo almallo; / mas el sayu-lle de mão</i>	Hiato: vilã-o (ã + o) Hiato: mã-o (ã + o)	31
virgüidade	<i>com' achamos en verdade que fez da virgüidade</i>	Hiato: virgĩ-idade (ĩ + i)	2
v̄yudas	<i>e gentes foron v̄yudas fez que ll' eran conteçudas</i>	Hiato: v̄y-udas (ĩ + u)	31

Fonte: elaboração própria.

Quadro 2. Palavras grafadas com sequências de vogais nasais em contextos de rima nas cantigas profanas.

Palavras (Lopes e Ferreira et al., 2011-)	Versos que rimam entre si (Lopes e Ferreira et al., 2011-)	Ditongo ou hiato? ¹⁷	Cantiga
acõomiasse	<i>senom por ela; se lhi nom pesasse morrera eu, se vos acõomiasse</i>	Hiato: acõ-omiasse (õ + o)	16 (escárnio e maldizer)
cochões/granhões/ cabrões/arções	<i>Vi coteifes e cochões com mui [mais] longos granhões que as barvas dos cabrões os deitavam dos arções</i>	Hiato: cochõ-es (õ + e) Hiato: granhõ-es (õ + e) Hiato: cabrõ-es (õ + e) Hiato: arçõ-es (õ + e)	2 (escárnio e maldizer)
cordões/colhões	<i>ca sequer levam cordões de senhos pares de colhões</i>	Hiato: cordõ-es (õ + e) Hiato: colhõ-es (õ + e)	15 (escárnio e maldizer)
livão/certão/tavão	<i>Dom Foão, que eu sei há preço de livão vedes que fez ena guerra - daquesto são certão sol que viu os genetes, come boi que ter tavão</i>	Hiato: livã-o (ã + o) Hiato: certã-o (ã + o) Hiato: tavã-o (ã + o)	5 (escárnio e maldizer)
louvamãares	<i>Louvamãares e prazenteares</i>	Hiato: louvamĩ-ares (ĩ + a)	32 (escárnio e maldizer)
mẽor	<i>com' eu vos dixे já, o[u] é maior - e bem creede que nom é mẽor</i>	Hiato: mẽ-or (ẽ + o)	1 (amor)
nẽum	<i>que me nom quer de noite guardar o mu como nom trage dinheiro nẽum</i>	Hiato: nẽ-um (ẽ + u)	17 (escárnio e maldizer)
põer	<i>Nom mi devedes vós culpa põer amigo, ca vos nom ousei veer</i>	Hiato: põ-er (õ + e)	7 (amigo)
prijões/corações	<i>Sacade-me, madre, destas prijões - Filha, bem sei eu vossos corações</i>	Hiato: prijõ-es (õ + e) Hiato: coraçõ-es (õ + e)	31 (amigo)

¹⁷ Adotamos, para a conferência da métrica de algumas cantigas profanas, Ferreira (2018-).

razõar	<i>mandade-nos razõar se s' ela de mim queixar</i>	Hiato: razõ-ar (õ + a)	18 (escárnio e maldizer)
sazões/criações	<i>juntam-s' a certas sazões e fazem sas criações</i>	Hiato: sazõ-es (õ + e) Hiato: criaçõ-es (õ + e)	39 (escárnio e maldizer)
têer	<i>coita d' amor me faz escaecer a mui gram coita do mar e têer</i>	Hiato: tê-er (ê + e)	42 (amor)
verrões/galiões	<i>E seu marido, de crastar verrões nem [a] ela de capar galiões</i>	Hiato: verrõ-es (õ + e) Hiato: galiõ-es (õ + e)	11 (escárnio e maldizer)
zevrões/arções/ nadigões	<i>Desto som os zevrões ergem-se nos arções e dam dos nadigões</i>	Hiato: zevrõ-es (õ + e) Hiato: arçõ-es (õ + e) Hiato: nadigõ-es (õ + e)	29 (escárnio e maldizer)

Fonte: elaboração própria.

Analysis of nasal diphthongs and hiatuses in Ancient Portuguese

Abstract: The objective of this research is to investigate sequences of nasal vowels in the medieval period of the historical formation of Portuguese, analysing which sequences form hiatuses or diphthongs. The present research aims also to investigate the reason why most of current Brazilian Portuguese diphthongs were realized as hiatuses in that historical period. This study considers as corpus a selection of 250 Galician-Portuguese *cantigas*, aiming to determine which sequences were diphthongs or hiatuses, considering the metrical structure and the occurrence of rhyme in the poems. Syllable structure in that period is also considered to establish the nasal nature of vowels in troubadours' language, from an analysis based on non-linear phonology. The collected data show that nasal vowel sequences in Archaic Portuguese were always realised as hiatuses. Therefore, in that period, there were not nasal diphthongs yet, because nasal vowels were constituted by a vowel and a nasal consonantal segment. In this sense, archaic language nasal vowels could not be interpreted as intrinsically nasal, being the result of spreading the nasal feature of a non-specified consonant positioned in the syllabic coda.

Keywords: Archaic Portuguese. Medieval Galician-Portuguese *cantigas*. Nasal vowels. Diphthongs. Hiatus.

Recebido em: 31/01/2025

Aceito em: 25/02/2025